

No Patamar, a Natureza: Considerações Eco-críticas em *The Diviners*, de Margaret Laurence

Nature in the Spotlight: Ecocritical Considerations in Margaret Laurence's *The Diviners*

Gracia Regina Gonçalves¹

RESUMO: Este trabalho pretende realizar uma leitura revisionista de *The Diviners* (1993), da canadense Margaret Laurence, em conexão com estudos da eco-crítica. Acredito que o romance de Laurence, como já ocorrera com o alvorecer do pós-colonialismo, abra caminho para considerações relativas à literatura enquanto um recurso, não só para se denunciar o desrespeito ao meio-ambiente, mas para, sobretudo, dotar a crítica com o poder de identificar o caráter contextual da constituição da natureza, nivelando-o à projeção do elemento humano na trama. Focalizarei, em especial, a figura carnavalesca da personagem Chris Logan em termos de sua interpretação satírica da relação entre o lixo e o perfil da sua comunidade. Como orientação, seguirei estudos da eco-crítica de Glotfelty e Fromm (1996), bem como do pós-colonial e paródia de Hutcheon (1991).

PALAVRAS-CHAVE: Ecocrítica. Pós-colonialismo. Paródia.

¹ Doutora em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada I da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

O último romance de Margaret Laurence, *The Diviners* (1993), é caracterizado, antes de mais nada, por seu fôlego. Cobrindo três gerações e reportando-se a épocas mais remotas, ele remete o leitor, via o olhar de uma mulher madura que re-escreve seu próprio romance de aprendizagem, a inúmeros questionamentos. Sua trajetória na construção da própria identidade assenta lado a lado, pedra por pedra, os percalços e dificuldades de se definir uma identidade feminina, e canadense, como um todo. Associado comumente a explorações de caráter mítico, ou no campo das relações da memória, e da história, sempre citado por suas inovações no âmbito da preocupação com a linguagem, esse romance está sempre sob rasura, fazendo-se alvo das mais diversas perspectivas críticas. Dentre estas, surge uma outra abordagem, não menos importante, a qual demonstra uma intuição e sensibilidade *avant-la-lettre* de Laurence: a da representação do meio-ambiente como elemento constitutivo, e não meramente decorativo, do texto, levando-nos a estabelecer a estreita relação do romance com os princípios básicos da eco-crítica.

Este trabalho pretende explorar a percepção de Laurence da inter-relação entre a natureza e o contexto urbano, no espaço canadense, focalizando, em especial, o fato de parte da história ser desenvolvida através do uso significativo de um terreno baldio do local da trama, um tipo de área de despejo a céu aberto, que se abre discursivamente à configuração das pessoas e de sua vida social. Acredito que a autora consiga criar um patamar crítico intermediário, receptivo a várias visões, para projetar uma reavaliação de conceitos tais como história, hegemonia e verdade. Nele surgem duas personagens secundárias, em especial, Chris Logan, um imigrante europeu pobre, e Skinner Tonerre, um mestiço da origem *Métis*, cujas vozes vão ser ouvidas a “contra-pelo” do horizonte de expectativas daquela comunidade.

No âmbito do embate étnico, este último, ex-colega de turma de Morag e de quem, no futuro, virá a ter uma filha, avulta-se no texto ao problematizar a pretensa estabilidade das instituições sociais, tais como família, pátria e propriedade, desafiando-as, como veremos, num entrecruzamento com o discurso pós-colonial; já, Chris Logan, a quem falta qualquer educação formal, traz à tona, pontualmente, uma leitura produtiva das nuances reveladoras da população de Manawaka, um recanto alegórico alusivo à terra natal da autora, tal e qual essas se manifestam na sua leitura espontânea e capciosa. Em um processo interessante de reversão, essa personagem, trabalhando para o depósito de lixo da cidade, apropria-se do que encontra perdido no local para desenterrar histórias, hábitos e, principalmente, revelar a estrutura social díspar da mesma.

Em termos estruturais, vários recursos ao longo do livro compõem um texto palimpsêstico, provido com amplo material relacionado aos campos da antropologia, da ética, da geografia, e de outros. A protagonista de Laurence, Morag, narradora híbrida, ora em primeira, ora em terceira pessoa, órfã adotada por Chris e sua mulher, ao ver-se também excluída, passa a achar refúgio na fantasia e vai memorizando, de forma fragmentada, o que ouve dele, quer sobre a dura realidade que os cerca, quer sobre as lembranças da própria infância povoada de lendas. Logan, ao introduzi-la no mundo imaginário dos mitos de sua herança europeia, escocesa e/ou irlandesa, os quais amalgamam imaginação e realidade, ironia e inocência, bem como uma sensação de prazer e perda, faz nascer na menina o gosto pelo ato de contar e, mais tarde, indiretamente, pela própria literatura. Podendo ser considerado um *trickster*, ou seja, aqui, de forma mais ampla, um elemento de caracterização que desestabiliza narrativas e embaraça contextos tradicionais, abalando crenças em torno de normatividade, tradição, classe, propriedade e/ou poder, o velho Chris descortina ao leitor as

possibilidades de uma abordagem bakhtiniana (BAKHTIN, 1984), em termos de reversão de hierarquias discursivas, através do uso do elemento cômico, beirando o escatológico. Na sua configuração, a autora estabelece um jogo de características, o qual promove a ridicularização de valores tais como o respeito às leis, ideologias, com seus respectivos juízos de valor, opondo-se persistentemente ao apolíneo, o qual é constantemente desafiado. A estratégia, no mesmo diapasão da que constitui o discurso do índio Skinner Tonerre, como veremos, afina-se com o pensamento de Hutcheon, quando esta afirma ser “sempre mais fácil ser irônico sobre a política do passado do que confrontar o presente: outra vez, a distância favorece, seja pessoal ou nacional”² (HUTCHEON, 1991, p. 150).

Neste ponto, antes de adentrar o aspecto topológico empregado em *The Diviners* (1993) que queremos abordar, torna-se interessante realçar alguns conceitos do campo da eco-crítica. Na introdução do seu estudo *The Ecocriticism Reader – Landmarks in Literary Ecology*, Cheryll Glotfelty e Harold Fromm (1996) afirmam que

a eco-crítica é o estudo das relações entre a literatura e o meio-ambiente. Assim como a crítica feminista examina a linguagem e a literatura de uma perspectiva consciente do gênero, e a crítica marxista traz à tona uma consciência dos modos de produção e da classe econômica para sua leitura de textos, a eco-crítica centra-se na terra como abordagem para os estudos literários.³

² Hutcheon puts it: “it is always easier to be ironic about the politics of the past than to tackle those of the present: again, distance helps, be it personal or national.” (HUTCHEON, 1991, p. 150).

³ “Ecocriticism is the study of the relationship between literature and the physical environment. Just as feminist criticism examines language and literature from a gender-conscious perspective, and Marxist criticism brings an awareness of modes of production and economic class to its reading of texts, ecocriticism takes an earth-centered approach to literary studies.” (GLOTFELTY and FROMM, 1996, p. xviii).

Tal literatura se pergunta, segundo Glotfelty e Fromm, como a natureza é representada em um poema, que tipo de papel o meio-ambiente desempenha em um enredo, ou se valores expressos numa peça são consistentes com um tipo de sabedoria ecológica. Acima de tudo, pode-se perguntar se, além de raça, gênero e classe, o *lugar* não deveria também tornar-se uma nova categoria crítica. Embora se mostre bem amplo, o recorte sobre a vida em torno do depósito de lixo tal este se apresenta, parece tornar suficientemente viável e produtiva uma exploração do tema. O despertar desse tipo de preocupação pertence a um momento que tem se expandido cada vez mais. De acordo com Cynthia Deitering (1996), foi durante os anos oitenta que “nós começamos a perceber a nós mesmos como habitantes de uma cultura definida pelo desperdício, e um número de romances americanos escritos durante esse período reflete esta transformação ontológica.”⁴ (DEITERING, 1996, p. 197). Embora o romance date dos anos setenta, nesse aspecto ele já antecede essa preocupação.

Como veremos, Laurence dispõe, aos olhos do leitor, um padrão social fruto de parâmetros hegemônicos de ocupação da terra que geraram, no sentido estrito e lato, camadas desiguais. Seu texto já sugere os resultados da estratificação imobiliária, tendo, como consequência, uma desumanização do meio-ambiente. A maioria dos títulos dos capítulos do romance por si já parecem sugerir uma clara orientação espacial ligada aos elementos da narrativa. O primeiro deles, “River of Now and Then”, refere-se ao rio que passa pelo terreno da autora e se foca na memória através da metáfora da natureza, desenvolvendo a ideia de fluxo tanto o da água quanto de imagens psicológicas. O rio faz um papel ativo e passivo; é ouvinte e interlocutor. Um

⁴ “we began to perceive ourselves as inhabitants of a culture defined by its waste, and that a number of American novels written during this period reflect this ontological transformation.”

outro capítulo, por exemplo é “Halls of Sion”, o qual alude a uma das representações clássicas mais significativas no contexto de civilização e reporta ao sucesso na academia, à vida na metrópole.

O último capítulo, mais ambíguo, que dá nome ao livro, “The Diviners”, chama a atenção para um diálogo com um tema shakespeariano: fala da busca da inspiração e do medo de perdê-la, advindo de uma circunstância real. Os “diviners”, no caso, são homens com um dom especial, os quais dominando, por algum motivo inexplicável, a materialidade da natureza, transcendem-na e podem dizer onde se deve escavar um poço, antevendo, exatamente, o manancial do terreno. A iminência da escassez é aludida, então, para as duas circunstâncias: tanto para o caso físico do fornecimento de um bem indiscutível, quanto o da disponibilidade de um dom abstrato, a criatividade; ambas, porém, implicam um mesmo grau de risco de extinção, o da vida humana e o da arte; e sugere-se, aqui, uma igual importância.

Nesta altura da discussão, parece oportuno delinear o desenvolvimento do enredo para melhor vislumbrar em que extensão o capítulo “Nuisance Grounds” contribui de muitas maneiras para voltar o foco do leitor para o meio-ambiente e sua relação com o humano.

A narrativa de Morag, que acompanha o processo de amadurecimento desta, ao mesmo tempo adentra, gradualmente, aspectos das raízes do Canadá e de sua gente. Sua identidade é construída ao longo de sua vivência com Chris, do qual se envergonhava não só porque cheirava a detritos, mas pela ironia dramática de ver que ele nem sequer o percebia; além disso, era casado com Prin, que tinha obesidade mórbida. A condição da menina nos lembra o quanto a subjetividade é uma construção discursiva; muito cedo ela terá que lidar com duas diretrizes contraditórias: seu senso de pertencimento é constituído junto com seu senso de exclusão; e o de realidade vai se amparar na

fantasia das lendas em que acredita, e se projeta, em consonância com o que afirma Guimarães, segundo o qual, a memória desempenha um papel não circunscrito ao passado, mas, de uma maneira geral, pode significar “a própria lacuna, enquanto decomposição, rasura da imagem” (GUIMARÃES, 1997, p. 20).

Portanto, ela se move entre arquivos que abrangem constrangimentos, dúvidas, fugas, mas também escolhas, tal como acontece com sua percepção de uma escala de valores. Com o tempo, trabalhando como jornalista em sua cidade, ela redescobre fatos da história que nunca pensara antes terem sido manipulados; e, apesar de ter orgulho de sua origem europeia, daquele imaginário que a embalava, passa, através de Skinner, a sentir atração pela cultura dos nativos do Canadá, fato que é epitomizado na oposição deste último ao seu ex-marido, Brooke, um acadêmico de linhagem inglesa. Skinner, um Tonerre, ou seja, duas vezes maldito, por ser meio-indígena e, além disso, por pertencer à tribo dos insurgentes que apoiaram o lado francês, apresentará a ela uma outra versão deste caso de dominação e luta por um outro ideal. Sendo um “Métis”, raça híbrida franco-canadense, ele representa, no romance, um débito do Canadá para consigo mesmo, débito este que vai se atenuar através do nascimento de Pique, o fruto de um reencontro fugaz entre os dois amantes, o qual representa um divisor de águas: a partir de uma tomada de consciência, Morag se separa, deixa o marido e Toronto e vai para o outro extremo do país, onde seu futuro como escritora se inicia, trabalhando em troca do sustento da filha e de um quarto todo seu. Assim, de ruptura em ruptura, ela escreve sua trajetória: tão logo ela se vê aceita, vai para a universidade e já aí quebra um paradigma dentre seus pares. Northrop Frye traz, para este fórum de discussão, um tópico sobre o qual muito tem a acrescentar:

Ocasionalmente estas cidades pequenas são apresentadas como locais idílicos e rara felicidade ou refúgios da loucura urbana. Mas, na maioria das vezes, o lugarejo na ficção canadense veio representar de forma freqüente e poderosa uma sociedade limitadora e limitada da qual protagonistas anseiam por escaparem.⁵ (FRYE, 1990, p. 197).

No momento em parte para Vancouver, no extremo oeste, ela radicaliza de novo, e aí estabelece-se, de forma mais evidente, seu interesse por uma natureza que vai além de uma moldura para compor suas memórias.

Vale aqui estender-se um pouco mais a digressão acima. Segundo Coral Ann Howells (HOWELLS, 1996), essa obsessão com o mundo natural tem representado, para muitas autoras canadenses, desde o período da colonização, uma espécie de saída para a reafirmação de sua presença e autoridade. Deixar Manawaka e ir para a faculdade era imperativo para Morag para ampliar sua visão de mundo. O segundo passo, contudo, consiste numa inversão: reaprender tudo de novo, sem os grilhões do casamento e da academia, até mesmo, ou, principalmente, o que soava como “natural”. Voltar-se então para a pradaria, comprar uma casa à beira do rio assim que o pode, representa para Morag o que Howells detecta como um fenômeno de expressão recorrente, típico da ficção feminina canadense: “O mundo natural parece evocar uma consciência de um território psíquico desconhecido dentro de si [...] uma vez que o mundo natural tornou-se uma tela na qual mulheres projetaram seus medos e desejos mais ocultos.”⁶ (HOWELLS, 1996, p. 15).

⁵ “Occasionally these small towns were presented as idyllic places of rural felicity or as refuges from urban madness. But most frequently and most powerfully, the small town in Canadian fiction came to represent a limited and limiting society from which protagonists yearned to escape.”

⁶ “The wilderness of environment seems to have evoked a corresponding awareness of unknown psychic territory within [...] as the wilderness became a screen on which women projected their silent fears and desires.”

Howells afirma, ainda, a respeito desse espaço psicológico, viabilizado ficcionalmente pelas autoras, que:

o mundo natural está presente ainda na ficção dos lugarejos e da cidade como um traço do meio ambiente, e disponível como espaço metafórico ou simbólico para a exploração da diferença para a mulher.⁷ (HOWELLS, 1996, p. 16).

Não coincidentemente, o seguinte diálogo entre Skinner e Morag se passa no terreno abandonado de Manawaka, o qual constitui um acervo indireto de imagens, ou um livro de registro da vida local, reportando ao uso da terra e a toda uma geografia humana subjacente:

“My family name is Gunn, see? And you better not forget it.
Skinner’s eyes grow narrow, cruel. Mean.

...

“Listen here, Morag spits “my family’s been around here longer than anybody in this whole goddamn town, see?
“Not longer than mine, “Skinner says, grinning.”
(LAURENCE, 1993, p. 82).

O diálogo, um embate intelectual entre ela e Skinner, apresenta, naturalmente, nuances próprias de uma leitura pós-colonial, mas que se insinuam por outra vertente. Esta pertenceria à eco-crítica, sobre a qual comenta Howarth:

Estudos do pós-colonial e éticos têm uma forte ênfase regional, mas eles se pautam em espaços políticos e culturais antes do que espaços físicos. A tempo e a hora a eco-crítica pode prover os críticos de raça e etnicidade com uma visão de como aquelas

⁷ “The wilderness is still there in contemporary urban and small-town fiction as a feature of environment and available as metaphor or symbolic space for the exploration of female difference.”

construções sociais se relacionam com histórias mais amplas de uso e abuso da terra.⁸ (HOWARTH, 1996, p. 81).

Sendo assim, não é gratuito o fato de que o terreno baldio dos arredores da cidade, o conhecido “Nuisance Grounds”, venha a se tornar o palco do qual as personagens Chris e Skinner se veem alçadas ao *status* de pontos de vista alternativos no romance. Reforçando seu caráter marginal, o nome “*nuisance*” significa “aborrecimento” e pode aludir até a quaisquer vestígios de alguma gravidez indevida que esse terreno pudesse ocultar. De volta ao começo, a fala de Skinner desafia o conceito de desígnio “natural”, do que tantos se valeram para justificar uma dominação; fato que nos reporta a Christopher Manes ao lembrar Foucault:

Michel Foucault tem amplamente demonstrado que poder social opera amplamente através de um regime privilegiado de falantes, tendo incorporações históricas como reis, autores, intelectuais e celebridades. As palavras destes falantes são tomadas seriamente (em oposição ao discurso dos “sem sentido” e dos frequentemente silenciados como mulheres, minorias, crianças e prisioneiros e loucos.⁹ (MANES, 1996, p. 16).

Nas linhas seguintes, tentarei, de forma mais detalhada, associar o papel de Logan com esse terreno dos despejos, como um gerenciador de um espaço paródico na trama, o qual traz,

⁸ “*Ethnic and postcolonial studies have a strong regional emphasis, but they dwell on political or cultural spaces rather than their physical environs. In time, Ecocriticism may provide critics of race and ethnicity with a view of how those social constructions relate to larger histories of land use and abuse.*”

⁹ “*Michel Foucault has amply demonstrated that social power operates through a regime of privileged speakers, having historical embodiments as priests and kings, authors, intellectual, and celebrities. The words of these speakers are taken seriously (as opposed to the discourse of “meaningless” and often silence speakers such as women, minorities, children, prisoners, and the insane).* (MANES, 1996, p. 16).

para esta leitura, dentro de uma perspectiva ecológica, uma economia interessante. A teorização que se desenvolve a seguir delinea-se como uma espiral que, da sua relação anterior, voltada para o macro-espço da nação, centra-se agora nos fatores pontuais que envolvem um micro-espço urbano e seus arredores.

O primeiro conceito a ser resgatado neste patamar é a definição de “ecocrítica”, derivada do grego, de acordo com a qual, “*oikos* e *kritis*, reunidos em um só vocábulo, significam um tipo juízo, ou jurisdição, sobre a habitação, ou, o lar” (*house judge*) (HOWARTH, 1996, p. 69). Nesse diapasão, pode-se dizer do fato de uma personagem como Logan sobreviver do que dispõe uma comunidade, comunidade esta que se vê passível de ser analisada e criticada nesse processo. Constitui um tipo de desconstrução afinando-se com o pensamento da escola eco-crítica supra-citado. A projeção de uma outra paisagem, por sua vez, que contraria a noção de um “mundo natural” torna-o presente, no sentido de, por isso mesmo, incitar o interesse ou a preocupação em torno daquele. Segundo Byerly, “o reconhecimento de que, na verdade, não criamos o mundo natural, mas que este se faz e refaz a si mesmo, é o primeiro passo no sentido de se aprender a ler o texto da natureza como outra coisa que não seja ficção.”¹⁰ (BYERLY, 1996, p. 64).

Desta feita, a “terra desolada” de Christie é colocada pela narradora tão à margem de sua sociedade quanto ele. As relações de apropriação, uso e desmando do homem com a terra que habita fluem a olhos vistos à medida que se lê o seguinte excerto, o qual mostra o quanto está entranhado no homem a noção de que a terra é um objeto a ser confinado e domesticado para seus propósitos. Da bíblia consta que Deus abre caminho

¹⁰ “*recognition that we do not in fact create the wilderness, but that it makes and remakes itself, is the first step toward learning to read nature’s text as something other than fiction.*”

para essa prática um tanto perversa de dominação que, aparentemente, visa o maior bem estar possível de todos:

Em estágios graduais um Deus amoroso e todo-poderoso tinha criado a luz e a sombra, os corpos celestiais, a terra e as plantas, animais, pássaros, e peixes. [...] Deus planejou tudo isto explicitamente para o benefício e direcionamento do homem: nenhum item na criação física tinha qualquer finalidade a não ser servir ao próprio homem. E, embora o corpo humano fosse feito de argila, ele não refletia a natureza: ele era a imagem de Deus.¹¹

Esse espaço criado por Laurence antecipa assim a noção das margens às quais, destituídos como Chris, vão pertencer. Marca negativa da vida urbana, deixa claro o fato de ser um “não lugar”, para onde ninguém vai, mas que tem a ver com todos. Em uma cartada mais ousada, ele pode ser lido como um *locus* Edênico ou um Eden logo após a queda, no qual Chris, como um “palavreiro” (*wordsmith*), denominação roubada à própria narradora, quando fala da sua arte de escrever, brinca de ser Deus e interpreta, renomeia ou reconceitua o mundo material por detrás daquelas camadas de informação.

Dentro da perspectiva paródica que orienta o texto, o homem que Morag projeta como figura paterna brinca de júízo final, separa o joio do trigo, salva e condena a este ou aquele. A estratégia de reconhecimento nos remete também a Platão e à noção de cópia e arremedo, ou seja, a verdade três vezes removida do mundo das ideias. Nesse processo, os indícios vão levar à conceituação de um mundo imperfeito e provar que a pretensa realidade não é assim tão real: Por exemplo, no texto de

¹¹ *By gradual stages a loving and all-powerful God had created light and darkness, the heavenly bodies, the earth and all its plants, animals, birds, and fishes. [...] God planned all of this explicitly for man's benefit and rule: no item in the physical creation had any purpose save to serve man's purposes. And, although man's body is made of clay, he is not simply part of nature: he is made in God's image.* (WHITE JR., 1996, p. 9).

Laurence, lê-se: “Why *Nuisance Grounds*? Because all that awful old stuff and rotten stuff is a nuisance and nice people don’t want to do with it?” (LAURENCE, 1993, p. 45).

Essas pessoas seletas, porém, chamadas de “nice”, são exatamente as que Chris consegue desnudar em seu discurso revelador para Morag, confirmando o seu papel do bobo Shakespeariano, arguto e profético:

I say unto you, Morag Gunn, lass, that by their bloody goddamn fucking garbage shall ye Christly well know them. The one who eat only out of tins. The ones who have to wrap the rye bottles in old newspapers to try to hide the fact that there are so goddamn many of them... (LAURENCE, 1993, p. 48).

Chris associa álcool a abstêmios, frugalidade a exibicionistas, aberrações aos tidos como “normais”. Ironicamente, ele, na sua inocência, não deixa de ser associado pela menina ao escatológico, que lhe tem repulsa pelo cheiro já impregnado em sua pele, como confessa a uma amiga:

“Oh, shut up, Mavis. He’s the – SCAVENGER!”

What means Scavenger? Morag cannot ask. Christie’s face is stone.

“Phew! Can’t you smell him from here?” (LAURENCE, 1993, p. 40).

That is the worst. How silly he looks. No. The worst is that he smells. He does wash. But he never gets rid of the smell. How much do other people notice? Plenty. You bet. Horseshit and garbage, putrid stuff, vegetables and that, rotten eggs and mouldy old clothes. (LAURENCE, 1993, p. 44).

A casa de Logan, onde vive Morag, tampouco escapa da configuração de desolação do entorno em que se inserem. Diz o texto:

Christie Logan's house was halfway up the hill and looked much the same as the other dwellings there. [...] The yard a junk heap, where a few carrots and petunias fought a losing battle against chickweed, lamb's quarters, creeping Charlie, dandelions, couchgrass, old car axles, a decrepit black buggy with one wheel missing, pieces of iron and battered saucepans which might come in useful someday but never did, a broken babycarriage and two ruined armchairs with springs hanging out and the upholstery torn and mildewed. (LAURENCE, 1993, p. 37).

Na apreensão do quadro do jardim, uma série de palavras relacionadas ao conceito de decadência e higiene se alinham (“no distinguishable”, “junk”, “broken”); restos de comida abundam (lamb's quarters); as flores são descritas em meio a uma atmosfera de competição com objetos esparsos. Tudo está conectado ao olhar da natureza: para e pela natureza.

Laurence demonstra, através de Chris, uma consciência das premissas mais significativas da eco-crítica se se pensar como Rueckert (1996) que “em ecologia, a queda trágica do homem é sua visão antropocêntrica (ao contrário da biocêntrica), e sua compulsão para conquistar, humanizar, domesticar, violar e expor todas as coisas naturais”.¹²

Ver-se-á que nosso anti-herói apresenta-nos um material crítico produtivo através de suas percepções, até mesmo de sua alienação de si mesmo, mas que terminam por convergir através da ironia dramática para a mesma reflexão, ou denúncia: a da importância do espaço enquanto personagem e da geografia enquanto, antes de tudo, humana:

Some of them, because I take off their muck for them, they think I'm muck. Well, I am muck, but so are they. Not a father's son, not a man born of woman who is not muck in

¹² “in ecology, man's tragic flaw is his anthropocentric (as opposed to biocentric) vision, and his compulsion to conquer, humanize, domesticate, violate, and exploit every natural thing.” (RUECKERT, 1996, p. 113).

some part of his immortal soul, girl. That's what they don't know, the poor sods. When I carry away their refuse, I'm carrying off their refuse, I'm carrying off part of them, do you see? (LAURENCE, 1993, p. 47).

Como um bobo shakespeariano, que de bobo nada tem, Chris, ao livrar-lhes do que refugam, leva consigo uma parte de deles mesmos. Ao vê-lo tão descartável, como os produtos que consomem, as pessoas da cidade não percebem o poder oculto que exerce sobre a imagem de cada um e o quanto são feitos da mesma matéria-prima: corpo e memória.

Assim, o lixão, local no texto de Laurence, é o recurso especial através do qual tal sistema hierárquico é repensado. Ele vai contra, como se lê adiante em Manes: “as instituições que têm silenciado a natureza através da produção de vários tipos de conhecimento – psicológico, ético, político – sobre o Homem.”¹³ (MANES, 1996, p. 25).

Como considerações finais, chamaria a atenção para esse olhar atento de Laurence no que tange a antecipar essa nuance crítica, convidando ao repensar constante que o investimento literário envolve. Fazendo histórias, ela faz história e, em *The Diviners*, traz à tona a perversidade, ou indiferença, que leva uma camada social a ver-se silenciada por outra; mal sabe esta última que a natureza, através de seus vestígios, continua a falar por todos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Rabelais and his World**. Trans. Helene Iswolsky. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

¹³ “the institutions that have silenced nature through the production of various kinds of knowledge-psychological, ethical, political – about Man.” (MANES, 1996, p. 25).

BYERLY, Alison. "The Uses of Landscape: the picturesque aesthetic and the national park system". In: GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold. (Eds.). **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

DEITERING, Cynthia. "The Postnatural Novel: Toxic Consciousness in Fiction of the 1980s". In: GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold. (Eds.). **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

FRYE, Northrop. The novel. In: KLINCK, Carl Frederick; NEW, William, H (Eds.). **Literary History of Canada: Canadian Literature in English**. v.4. Toronto: University of Toronto Press, 1990.

GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold. (Eds.). **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

GUIMARAES, CÉSAR. **Imagens da memória: entre o legível e o visível**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

HOWARTH, William. "Some Principles of Ecocriticism". In: GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold. (Eds.). **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

HOWELLS, Coral Ann. Canadianness and women's fiction. In: **Private and Fictional Worlds: Canadian Women Novelists of the 1970s and 80s**. London: Methuen, 1996. p. 11-32.

HUTCHEON, Linda. **Splitting Images**. New York/Toronto/Oxford: Oxford University Press, 1991.

LAURENCE, Margaret. **The Diviners**. Toronto: McClelland & Stewart Inc. The Canadian Publishers, 1993.

MANES, Chistopher. "Nature and Silence". In: GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold. (Eds.). **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

RUECKERT, William. "Literature and Ecology". In: GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold. (Eds.). **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

WHITE JR., Lynn. "The Historical Roots of Our Ecologic Crisis". In: GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold. (Eds.). **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

ABSTRACT: This study intends to perform a revisionist reading of Canadian Margaret Laurence's *The Diviners* (1993) by highlighting its connections with the ecocritical approach. I believe Laurence's novel, as it has occurred with the dawning of post-colonialism, paves the way to considerations related not only to literature as a tool for exposing the misuse of the environment, but rather for providing criticism with the power of identifying the contextual character of nature's constitution, therefore embracing it on the same level as man's projection in the story. I will focus in especial in the carnivalesque figure of Chris Logan in terms of his satirical interpretation of the town's waste and its people's profile. I will rely on ecocritical studies by Glotfelty and Fromm (1996) and Hutcheon (1991) in that the postcolonial discussion and parody are at stake.

KEYWORDS: Ecocriticism. Post-colonialism. Parody.

Data de recebimento: 22/10/2010

Data de aprovação: 15/07/2011

